Psicologia da Educação

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

Matrizes do Conhecimento e a Psicologia da Educação

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Ms Pascoal Ferrari
Profª.Dr Rosana Tosi Costa
Revisão Textual:
Profª. Drª. Patricia Silvestre Leite Di Iorio

UNIDADE Matrizes do Conhecimento e a Psicologia da Educação

Nesta unidade, abordaremos o tema das "Matrizes do conhecimento e a Psicologia da Educação", perceba que a construção do conhecimento é um processo incessante de construção, destruição e reconstrução, tanto em nível pessoal quanto em nível universal ou coletivo.

Observe que a construção do conhecimento remonta a tempos antigos e que certos assuntos ou temas são constantemente revisitados pelos pensadores contemporâneos. Por exemplo: Se o conhecimento sobre as "coisas" se estabelece de forma **Empírica** (objetiva) ou **Racionalista** (subjetiva), ou ainda, de forma **Interacionista**, onde o conhecimento é construído a partir das relações entre sujeito/objeto, mediatizadas pela cultura.

Atenção

É importante conhecermos as bases, os fundamentos ou matrizes do conhecimento para entendermos as atuais teorias. Essas Matrizes deram sustentação ao das Ciências atuais, inclusive a Psicologia da Educação. É bom saber de onde surge o conhecimento. Uma boa dica para melhor compreensão dos fatos é pensarmos em que contexto histórico estas matrizes se formaram.

Informação

Quanto às atividades propostas na Unidade, é importante que você realize todas com afinco e determinação. Teste seus conhecimentos respondendo as questões sugeridas, observe o que você já sabe e o que precisa ainda saber, e amplie seus conhecimentos lendo o material complementar.

Tenham um bom estudo e lembre-se que, em caso de dúvidas, estaremos a sua disposição através do ambiente virtual.

Contextualização

Para o momento de contextualização, sugerimos que você assista dois vídeos sobre o Interacionismo e a aprendizagem.

O primeiro vídeo é sobre Jean Piaget, mostra um pouco da vida desse importante pensador e também uma explicação da teoria **Epistemologia** Genética proposta por ele, bem como sua aplicação na escola. O vídeo encontra-se no seguinte endereço:

http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=7031

O segundo vídeo é sobre Levi Vygotsky, nele você irá ver como este pensador entende o processo de ensino/aprendizagem através de uma visão sócio histórica do conhecimento. O vídeo encontra-se no seguinte endereço:

http://www.youtube.com/watch?v=_BZtQf5NcvE

A partir dos vídeos, acreditamos que você ampliará seus conhecimentos a respeito da Matriz do Conhecimento **Interacionista**. Uma ótima contribuição da Psicologia para a Educação contemporânea.

Bons Estudos!

Matrizes do Conhecimento e a Psicologia da Educação

Para Pensar

Você já ouviu falar em Matriz? E em Matriz do conhecimento? Quando falamos em Matriz logo pensamos em algo do qual se originará outras coisas. Uma Matriz do conhecimento pressupõe uma rede de conhecimentos. Podemos pensar em Matriz do conhecimento como uma ideia que irá gerar outras, onde as novas ideias estarão marcadas pela original ou Matriz.

A Matriz de um conhecimento pode ser entendida como a fonte ou a base de um conhecimento científico construído a partir dele. Uma matriz do conhecimento implica em conhecimentos ampliados ou renovados. A Matriz de um conhecimento estabelecesse paradigmaticamente, como verdades absolutas, estas, nos levam a criar "visões de mundo" particulares, e que, certamente, influenciam nossa forma de atuar no mundo, pois criam valores e certezas humanas.

Todavia, não devemos pensar em Matrizes do conhecimento de forma exclusivamente linear, caracterizando-se por um desenvolvimento sequencial, direto, e harmônico, em função de que, estas Matrizes formam uma trama complexa de conhecimentos. Demonstrando uma organização dos elementos constitutivos do conhecimento que não seguem uma hierarquia rígida e que podem originar múltiplas teorias e formas de pensar que inevitavelmente contaminarão nossas práticas.

Fazendo um recorte histórico, na antiguidade Grega encontramos dois grandes pensadores deste período: Platão e Aristóteles que, via de regra, iniciaram uma tradição em nosso modo de pensar. O afresco de Rafael, artista renascentista pode nos oferecer algumas pistas para começarmos a entender a problemática Epistemológica. Entendemos Epistemologia como sendo um estudo sobre o conhecimento científico, analisando os seus diferentes métodos, suas teorias e práticas, é a teoria da ciência. A epistemologia dedica-se a compreender a construção do conhecimento científico, sua natureza, sua abrangência e limite. Agora observem a imagem abaixo.

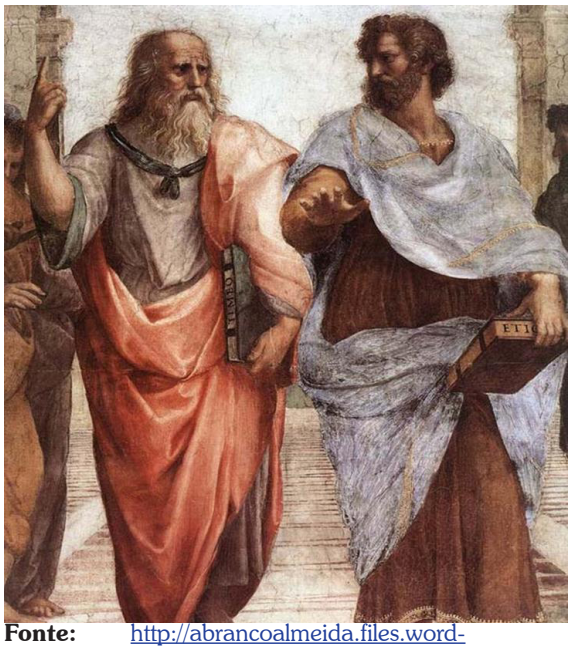
A Escola de Atenas. Rafael de Urbino 1483-1520

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_de_Atenas

Rafael reuniu neste afresco, de forma fictícia (nem todos os personagens retratados viveram na mesma época), os maiores filósofos de todos os tempos, como Epicuro; Pitágoras; Sócrates; Platão; Aristóteles; Diógenes; Ptolomeu; entre outros. A cena retrata estes antigos pensadores que discutiam e refletiam sobre as formas de pensar filosofia, a matemática e o que futuramente conheceríamos por conhecimento científico.

Com sua obra, Rafael retratou os precursores do pensamento filosófico e científico Ocidental. Estes filósofos, certamente, criaram a tradição do pensamento filosófico e que consequentemente influenciaram as matrizes do conhecimento científico moderno.

Vamos agora atentar para um detalhe da obra de Rafael:



Fonte: http://abrancoalmeida.files.wordpress.com/2009/12/platao-e-aristoteles1.jpg

No detalhe da obra, vemos Platão e Aristóteles conversando e gesticulando. Fazendo um exercício de imaginação, podemos dizer que eles falam sobre o conhecimento verdadeiro, sobre a realidade. Os dois poderiam estar se perguntando: Onde está a realidade? Qual é o mundo real?

Platão segurando seu livro "Timeu" e apontando para o alto, poderia estar dizendo que a realidade é o mundo das ideias. Um mundo subjetivo. Aristóteles segurando seu livro "Ética" e apontando horizontalmente, poderia estar dizendo que a realidade é o mundo terrestre, o mundo sensível. Qual dos dois estaria com a verdade?

Estes filósofos abrem dois horizontes de pensamento. Duas matrizes do conhecimento. De um lado, poderemos pensar o conhecimento do ponto de vista da **objetividade** Aristotélica. De outro, o ponto de vista da **subjetividade Platônica**. De forma geral, das Matrizes do conhecimento surgem diferentes teorias, diferentes possibilidades de olhar o mundo e seus fenômenos, diferentes possibilidades de ver e compreender o Homem. Este movimento da construção do conhecimento, que é complexo, forma paradigmas científicos que são questionados de tempos em tempos.

Fazendo um salto na história, passamos da antiguidade para o início da modernidade. Tempos diferentes, com valores diferentes, que foram construídos histórica e culturalmente. Neste período, a questão objetividade/subjetividade aparece com destaque na dimensão científica e, claro, no formato de sua época. Os pensadores se perguntavam: De onde nasce o conhecimento? Da experiência ou da razão? Estavam preocupados em refletir e entender acerca das relações entre o objeto do conhecimento e aquele que o busca. Quais os caminhos que nos levariam a verdade sobre as coisas. Como apreendemos a verdade? De forma Empírica/objetiva ou de forma Racional/subjetiva? Vamos ver como dois filósofos em especial refletiram a questão, criando novas possibilidades de entendimento sobre as Matrizes Subjetiva e Objetiva do conhecimento.

René Descartes (1596- 1650) foi um filósofo e matemático, que nasceu na França, introduz o **Racionalismo** na modernidade. Acreditava que apenas através do raciocínio chegaríamos à razão.O raciocínio se conduziria melhor se ordenássemos as dificuldades do mais simples ao mais complexo e que estas dificuldades poderiam ser divididas em parcelas, em quantas necessárias fossem para melhor resolver as dificuldades.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes

David Hume (1711 - 1776) foi um filósofo britânico considerado um dos mais importantes pensadores do **Empirismo** e da própria filosofia ocidental. Considerava que apenas os sentidos nos levariam ao verdadeiro conhecimento. Com suas ideias fez oposição a Descartes e abriu caminho para a aplicação do método experimental.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Hume

Racionalismo Versus Empirismo

Descartes e outros pensadores como Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716), partilhavam da concepção filosófica que afirma que somente a razão teria a capacidade de propiciar o conhecimento da realidade. O real estabelecesse através das relações que o constituem. Racionalismo é a capacidade de apreender as coisas ou fenômenos em sua interdependência. O Racionalismo traz com ele a ideia de que a matemática é o instrumento da razão para explicar a realidade.

Hume e outros pensadores como John Locke (1632 – 1704) e George Berkeley (1685 – 1753) acreditavam que apenas a experiência era capaz de trazer o conhecimento científico e a verdade. No Empirismo valoriza-se a percepção do mundo e das coisas através dos nossos sentidos.

Mesmo de forma distinta, o Empirismo (Objetivismo) e o Racionalismo (subjetivismo) estão preocupados em buscar as verdades científicas. Todavia, são formas diferentes de apreender a realidade, são Matrizes do conhecimento científico que constroem visões de mundo e formas diferentes de atuar neste mundo. Então voltamos à questão inicial, agora entre Descartes e Hume: Qual dos dois estaria com a verdade?

Como podemos notar o impasse instalado em o Objetivismo e o Subjetivismo na Antiguidade, ultrapassou os tempos tendo formas diversificadas de interpretação. Agora, vamos refletir sobre como esta discussão filosófica e científica influenciou a Psicologia e como esta dicotomia foi superada na Psicologia científica.

Entre a Objetividade e a Subjetividade do ser

É bom lembrar que a Psicologia, como outras áreas do conhecimento, mantinha fortes ligações com a Filosofia, neste momento, metafisicamente a Psicologia buscava o entendimento da "alma" como o próprio nome, que é formado por duas palavras gregas, sugere: **Psique** alma e **Logia** estudo. O estudo da alma era o objetivo último da Psicologia.

Com o surgimento da necessidade de "especialização", vinda da tradição metodológica Cartesiana, em que os critérios de cientificidade também poderiam ser aplicados as Ciências Humanas, como: a observação, a experimentação e a mensuração de dados poderiam compor uma base, de onde surgiriam, pressupostos científicos e, consequentemente, as teorias. Assim, a Psicologia começa a delimitar seu espaço em uma dimensão sociohistórica, então, surge a necessidade de um discurso científico a seu respeito.

Ao delimitar seu espaço, a psicologia entra em um embate, qual será sua base científica? A Psicologia estará atrelada a **Ciências Biológicas** com uma tradição fisiológica/biológica, com os estudos dos reflexos humanos e funcionamento do cérebro de maneira mais objetiva. Ou a Psicologia estará atrelada a **Ciências Humanas** com uma tradição mais analítica, que considera a subjetividade e individualidade das pessoas. Ou ainda, como discutimos na contemporaneidade, estará a Psicologia atrelada a **Ciências Sociais**? Parece que a Psicologia científica é uma área do conhecimento permanentemente em crise. Vamos então, tentar aclarar a questão.

A discussão estabelecida sobre a objetividade e subjetividade deixou suas marcas na Psicologia. No início do século XX, a Psicologia começa a se definir como científica com os trabalhos de Wilhem Wundt (1823 – 1926), Ernst Weber (1795 - 1878), entre outros, na Alemanha e com Willian James (1842–1910), Edward Thorndike (1874-1949), entre outros, nos Estados Unidos, com suas diferentes abordagens psicológicas. A discussão objetividade/subjetividade na Psicologia faz conexões históricas com a transformação da Psicologia em Ciência. Como visto na Unidade II.

Segundo Figueiredo (2005), as Matrizes do conhecimento psicológico são um conjunto de valores, normas, crenças, concepções epistemológicas e metodológicas, que fundamentam as teorias e as práticas da Psicologia. As Matrizes de conhecimento implicam, também, na dimensão ética dos fenômenos, tanto do campo teórico como na prática da Psicologia. O autor identifica duas importantes Matrizes da Psicologia, a primeira uma matriz cientificista, que prioriza em seus estudos a objetividade e uma visão natural de mundo, e a segunda uma Matriz romântica, que prioriza a subjetividade e uma visão humanista de mundo.

A partir da dicotomia Objetividade e a Subjetividade nascem três teorias básicas da Psicologia, o Behaviorismo, a Gestalt e a Psicanálise (teorias que analisaremos em outra unidade) no início do século XX, dentro da dinâmica do capitalismo que privilegia o individualismo. Estas teorias da Psicologia também construíram suas vertentes.

O conhecimento construído pela Psicologia encontrou-se com o conhecimento construído pela Pedagogia e delimitou uma área do conhecimento específica: a Psicologia da Educação. Como aprendemos? Como devemos ensinar? São questões fundamentais que mobilizam os propositores desta área do conhecimento. A seguir, vamos analisar separadamente a Matriz Objetivista e Subjetivista em relação à Educação.

Matriz Objetivista

Vinda de uma tradição Empirista, a Matriz Objetivista pressupõe que o conhecimento provém das experiências que vivenciamos, desta maneira, o ambiente externo é valorizado em detrimento das questões internas do indivíduo que aprende. Percebemos nesta Matriz do conhecimento que na relação sujeito/objeto, o destaque é dado para o objeto da aprendizagem e não para o sujeito da aprende.

Afinada com a teoria psicológica do Behaviorismo, e tendo com principais representantes o Russo Ivan Pavlov (1849 - 1936) e o Norte Americano Burrhus Skinner (190 - 1990), por esta Matriz Objetivista acredita-se que a aprendizagem segue um movimento de "fora para dentro", e o conhecimento é reduzido a uma cópia do real. Observem que a ilustração ao lado como evidencia a ação do objeto sobre o sujeito.

Segundo Silva e Paixão (2006), esta concepção traz algumas consequências pedagógicas:

> Uma delas incide na relação professor-aluno, o primeiro concebido como centro do processo ensino-aprendizagem, o que planeja, o que controla comportamento e transmite conteúdos previamente estabelecidos pelo currículo; o segundo tendo como tarefa aprender através da memorização e da repetição mecânica dos conteúdos transmitidos pelo professor (p.104)

Esta forma de pensar o processo de ensino/aprendizagem sugere uma relação autoritária entre professor aluno; uma extrema valorização do produto da aprendizagem e pouca importância para o processo em que ela se dá aprendizagem.

Matriz Subjetivista

Quanto ao Subjetivismo, que têm suas raízes no racionalismo, pressupõe que a aprendizagem provém de estruturas mentais preestabelecidas que antecedem à experiência. A Matriz Subjetivista fundamenta a Psicanálise que têm o Id, Ego e Superego como estruturas mentais que se articulam e determina nossa aprendizagem, Sigmund Freud (1856 - 1939) é o maior representante.

Nesta abordagem, há uma valorização do sujeito que aprende em detrimento do objeto apreendido. Assim, o movimento estabelecido na aprendizagem é de, dentro para fora. Observe a ilustração ao lado que evidencia a ação do sujeito sobre o objeto de aprendizagem.

Vejamos o que Silva e Paixão (2006) falam sobre algumas consequências pedagógicas do Racionalismo:

> Do que foi dito pode-se concluir que o Racionalismo trata de forma fragmentada os dois polos do conhecimento, visto que enfatiza apenas o sujeito que aprende, desconsiderando a ação do objeto sobre o sujeito (p. 103).

Com esta valorização do sujeito que aprende, o professor é relegado ao segundo plano, sua tarefa é apenas facilitar a aprendizagem, pois ela depende exclusivamente destas estruturas mentais, que devem estar maduras para que ocorra o aprendizado e, ainda, observamos uma prática pedagógica que pouco estimula o aluno à atividade, pois fica aguardando a maturação destas estruturas mentais.

Na Psicologia da Educação, as Matrizes do conhecimento Objetivista e Subjetivistas, no decorrer de suas histórias, receberam diversas críticas durante seu desenvolvimento. Franco (1989) lembra algumas destas críticas a respeito da realidade.

Com referência ao Objetivismo:

> Evidentemente, isso se explica pela própria natureza epistemológica do modelo 'Objetivista' que fragmenta a realidade e pressupõe, erroneamente, que a totalidade pode ser concebida por associações de elementos parciais os quais, desde que somados e interligados, têm, em tese, condições de explicar o todo. (p. 122). (aspas no original).

Com referência ao Subjetivismo:

> Quando transportada para a Psicologia Educacional, essa mesma influência foi responsável pela geração de uma série de pesquisas centradas na análise do comportamento do professor e do aluno, no âmbito da sala de aula, e pelo despontar das pedagogias 'não-diretivas'. Mostrou-se, e mostra-se ainda hoje, insuficiente para a explicação tanto da realidade individual como da realidade educacional, porque também fragmenta e parcializa essas mesmas realidades. (p. 122).(Aspas no original).

Como podemos concluir, as Matrizes do conhecimento Empirista e Racionalista reduzem a aprendizagem ora ao objeto, ora ao sujeito, fragmentando o aprendiz.

Essa dicotomia é questionada a partir do aparecimento da Psicologia de Jean Piaget (1896 - 1980), que propõe a teoria denominada Epistemologia Genética e do Psicólogo Russo Lev Vygotsky (1896 - 1934), que propõe uma abordagem denominada sociointeracionismo, com forte base Marxista traz a dimensão sociohistórica para o centro das discussões da Psicologia e de Henri Wallon (1879 - 1962) que acreditava o desenvolvimento infantil e um processo assistemático e contínuo, oscilando entre a afetividade e a inteligência.

Estas abordagens inauguram uma nova possibilidade de entendermos o desenvolvimento humano e o processo ensino/aprendizagem. Denominada como **Interacionismo**, esta nova Matriz do conhecimento em Psicologia surge valorizando tanto o Objeto como o Sujeito da aprendizagem, como veremos a seguir.

A Superação da Relação Objetividade/ Subjetividade e a Psicologia da Educação

> Estudar a história da Psicologia é entender o porquê da dicotomia objetividade/subjetividade estar presente em suas teorias, métodos e atuação prática profissional. Essa dicotomia, por ser expressão das teorias do conhecimento nas Ciências Modernas, traz uma visão de homem contraditória, tornando-se, assim, passível de superação. Paini, Rosin e Cambaúva (2010, p.61).

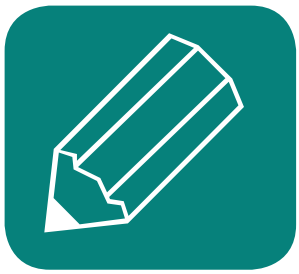
A Matriz Empirista e Racionalista não deram conta de abarcar a totalidade do ser que aprende e sua relação com o objeto do conhecimento. Assim, voltamos a pergunta anterior: De onde nasce o conhecimento? Da experiência ou da razão? Do Objeto ou do sujeito? Uma das possíveis respostas: O conhecimento não nasce a partir do sujeito, nem do objeto, mas da **interação entre sujeito e objeto.**

Jean Piaget inaugura, no início do século XX, esta possibilidade de entendermos o processo ensino/aprendizagem, fundamentado no desenvolvimento genético e cognitivo do sujeito. Sua teoria é conhecida como **Epistemologia Genética**, que investiga o desenvolvimento cognitivo da criança e a construção do conhecimento pelo sujeito que aprende.

A Matriz Interacionista reúne conhecimentos da Psicologia Genética e da Pedagogia traz inúmeras contribuições para a Educação. A relação professor-aluno, formas de avaliação e a visão do conhecimento com construção são aspectos da educação que foram reformulados com esta maneira nova de pensar a Educação e seus processos. Observe a ilustração ao lado:

A ilustração nos revela que, nesta forma de pensar, a ênfase é dada para a interação entre sujeito e o objeto, que são igualmente valorizados na construção do conhecimento. A Matriz Interacionais difere das demais Matrizes por não ser reducionista, ou seja, não responsabiliza apenas o sujeito, ou apenas objeto, ambos, em suas interações, irão gerar a construção do conhecimento. Pressupondo a participação ativa do sujeito sobre objeto a ser conhecido e a valorização do **processo** e não apenas do **produto** da aprendizagem.

Piaget nos mostrou que a aprendizagem depende de certas estruturas cognitivas que propiciarão o conhecimento. Estas estruturas se desenvolvem em etapas ou fases que individualizam nossa forma de aprender, cada indivíduo possui uma forma e um tempo para aprender. Estas fases, Piaget denominou como: (estas serão detalhadas na próxima unidade).



1º Sensório Motor, etapa que vai de 0 a 2 anos;
2º Pré-Operatório, etapa que vai de 0 a 7 anos;
3º Operatório, etapa que vai dos 7 aos 11, 12 anos;
4º Operatório Formal, etapa que vai 11 e 12 anos em diante.

O Interacionismo Sociohistórico

Segundo Franco (1989, p.123), os modelos Empirista e Racionalista não são suficientes para explicar a realidade, em função de negligenciarem o caráter histórico e transitório dos fatos, assim, nasce à necessidade de criação de novos modelos de análise da realidade. O pensamento sociohistórico de Levi Vygotsky, como o de Piaget vem cobrir esta lacuna.

Vygotsky, influenciado pelo Materialismo Histórico e Dialético, teoria que tem por alicerce o pensamento de Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820 - 1895), segundo essa teoria, o homem é obra das relações complexas estabelecidas entre ele e o seu meio. Os indivíduos e o meio são partes integrantes da mesma realidade, que é marcada pelas condições do contexto histórico em que se estabeleceram. Entende o homem como ser ativo, produto e produtor de sua história.

Partindo da discussão de Fernando Becker (1993) sobre Construtivismo, a partir do séc. XVI concepções que apareciam como verdades absolutas foram desmoronando quando a percepção do homem se alarga para compreender que tudo, no universo, é dinâmico em constante atividade – nada é estático, e sim construído nas diversas relações entre sujeitos e objetos.

Essa concepção de construção constante; não determinista; é reforçada na Filosofia e na Sociologia por Hegel e Marx que traduzem esse movimento pela teoria da **Dialética** (no pensamento e nas coisas da realidade objetiva). Dialética representa o movimento de transformação constante que se estrutura na relação contínua e progressiva entre os elementos do ambiente e os elementos do ser humano – sujeito e objeto transformam-se mutuamente quando há influência mútua.

Assim, o sujeito age sobre o objeto que existe no seu meio, transformando-o. O objeto transformado impulsiona o sujeito a assimilá-lo para inserção de novos saberes nele contidos. O sujeito assimila o objeto e, novamente, se organiza para transformá-lo, sucessivamente. Nessa troca, há a transformação e a evolução mútua e cada vez mais poderosa e complexa.

Diálogo com o Autor

Existe, desta forma, a ideia de **conhecimento em construção**, caindo por terra que o conhecimento está no sujeito (subjetivismo) ou determinado pelo objeto (objetivismo).

> Os interacionistas destacam que o organismo e o meio exercem ação recíproca. [...] A concepção interacionista de desenvolvimento apóia-se, portanto, na idéia de interação entre o organismo e meio e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer nem sendo adquirido passivamente graças à pressão do meio. Experiências anteriores servem de base para novas construções que dependem, todavia, também da relação que o indivíduo estabelece com o ambiente numa situação determinada. (Davis e Oliveira, 1994, p. 36)

Então, do confronto entre as duas perspectivas – sujeito/subjetivismo e objeto/objetivismo – constrói-se a **Totalidade**; o sentido de complementaridade e de mutualismo é defendido como alimento de novos saberes e novos conhecimentos ideais para a continuidade do ser e do mundo que o cerca.

Concepção Interacionista, Educação e Escola.

> O homem é um animal que age e sua ação pode se observada (objetivamente) e até se previsível. Mas ele é, ao mesmo tempo, um ser capaz de compreender e criar um universo de símbolos, organizar seu comportamento, relacionar-se com os outros e universalizar suas experiências. (Moreira, 2004, p. 17)

Para os interacionistas, a relação homem e mundo não se dão de uma forma absolutamente natural. Acreditam que um ser humano formado por condições biológicas (subjetivismo) nasce em um mundo já permeado por objetos e fenômenos criados por gerações precedentes (objetivismo) e vai se apropriando desses elementos à medida que se relaciona e participa ativamente das atividades de se contexto histórico e cultural.

Temos, então, o **Interacionismo histórico cultural**. Nesse processo:

> [...] as reações naturais – herdadas biologicamente – de respostas aos estímulos do meio (tais como a percepção, a memória, as ações reflexas, as reações automáticas e as associações simples) entrelaçam-se aos processos culturalmente organizados e vão se transformando em modos de ação, de relação e de representação caracteristicamente humanos. "Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser homem" [...] (Fontana, 1997, p. 58).

Aqui é dada uma especial atenção ao fator humano presente no ambiente, pois é através da interação com outras pessoas (adultos e crianças), desde o nascimento, que se vai construindo as suas características e a sua visão de mundo. É construída a capacidade de sentir e significar tudo o que é vivenciado em um sistema compartilhado e negociado, preservando, ao mesmo tempo, o que é individual e coletivo.

O conhecimento produzido no mundo é "passado pelo outro" e na incorporação dele, vamos nos transformando nos modos de pensar e agir e, consequentemente, transformados também transformamos – sucessivamente.

Nesse contexto, a educação torna-se fundamental e a aprendizagem fomento para o desenvolvimento do ser e de seu mundo. A educação é muito mais do que exercer influência e determinação do modo nas funções do indivíduo. É a reestruturação e a potencialização da formação do humano em verdadeiramente humano; inserção no mundo de saberes e conhecimentos necessários para que o sujeito saia de uma condição de existência simplista para uma condição elaborada e complexa de ser.

Na educação, os processos de aprender transformam-se em processos de desenvolver e aperfeiçoar. O que era elemento biológico da espécie se modifica para processos constituídos social e historicamente. Não se trata de adaptação passiva e mecânica do homem ao seu mundo, trata-se da inserção/inclusão do homem em um tempo e espaço cuja participação é efetiva, porém, em elaborações compartilhadas e negociadas para a pulsão transformadora de ambos mutuamente.

A escola, nesse contexto, aparece como um local/espaço privilegiado onde se pode relacionar com "outros", interagindo e integrando conhecimentos e saberes. Mesmo já chegando à escola com alguns modos de funcionamento intelectual, considerados ideais para a recepção e elaboração de conhecimentos, o sujeito, ao ser inserido no processo de educação formal, realiza a reelaboração de conhecimentos mediante uma nova relação cognitiva; conflita e compara o que sabe com o que é supostamente novo numa linguagem científica ou modo de ensino escolar.

A educadora acompanha o seu educando orientando, ilustrando, chamando a atenção; relacionando vivências do mundo com as leituras sistematizadas pela ciência etc. O sujeito orientado liga-se ao raciocínio do (a) educador (a), compartilhando modos de agir e pensar, em uma elaboração coletiva com os companheiros de classe e outros envolvidos na interação. É aprender significados para ressignificar e reestruturar modos de pensar e fazer, conscientizando-se de suas produções e capacidades – percebe-se como receptor (a) e construtor (a) de saberes e modos de ser no universo. Partindo de bases possíveis (objetivas) para novas elaborações cognitivas (subjetividade) para voltar à base modificada e modificando em um contínuo movimento. Segundo Fontana e Cruz, a escola possibilita o contato sistemático e intenso dos indivíduos com os sistemas organizados de conhecimento e fornece a eles instrumentos para elaborá-los, mediatizando seu processo de desenvolvimento (1997).

Interacionismo, Educação, Escola e Mudanças

O Interacionismo na educação e na escola pode ser uma estrutura teórica ampla que reúna as várias tendências atuais do pensamento educacional que têm, em comum, a insatisfação com um sistema que insiste em ora fazer repetir e decorar conteúdos centrados em um professor sabedor, ora deixar o aluno em um ambiente sem qualquer interferência, ao seu critério, ele gerenciando como acredita ser a educação.

A educação deve ser um processo que transmita informações e construa conhecimentos, em condição de complementaridade, aproximando o saber subjetivo (elaboração no dia a dia) ao saber objetivo (estabelecido pela ciência) para que os significados das "coisas" e dos próprios sujeitos sejam apropriados para a organização do novo conhecimento.

O novo está descrito na transformação mútua entre sujeito e objeto – ser e mundo – para que a existência receba cunho de qualidade e permita ao ser humano sê-lo verdadeiramente.

Interagir é participar, compartilhar e pertencer por sentido de ser e estar ativo, consciente sabedor de si e dos outros como importantes e necessários a uma vida de qualidade e de utilidade compartilhada. Sem essa proposição, o mundo torna-se prisão e o ser humano escravo de determinismos internos ou externos. Tendo o pensamento ingênuo pela ausência da interação, fantasia e deixa de ser e de estar, abandona-se ao que primeiro o rebata.

O Interacionismo, como opção, defende a capacidade e as condições de fazer um mundo melhor para todos, rejeitando mandos e desmandos que enganam e cultuam o arcaico, repetindo o antigo em caráter de domesticação, resignação e submissão.

Por isso, mudar é condição essencial, transformar o objetivo para viver, construir para perceber-se como ser que pertence a um tempo e a um espaço, criando e buscando significados para a consciência do eu e dos outros.

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo.

Referências Bibliográficas

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico.** 11 Ed. São Paulo: Vozes, 2005.

FRANCO, M. L. P. B. Concepção de homem, indivíduo e sociedade: Contribuições da psicologia da educação para a reorganização de escola pública e subsídios para a nova lei de diretrizes e bases. **In: BERNARDO, M. V. C. (ORG.). Formação do professor: atualizando o debate**. São Paulo: EDUC, 1989.

MOREIRA, P. R. **Psicologia da Educação. Interação e Individualidade.**São Paulo: FTD, 1994.

PAINI L. D. e ROSIN S. M. e CAMBAÚVA L. G. As interfaces históricas entre psicologia e educação. **In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 60-79, jun.2010.** Acesso em: 13/03/2012. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art06_38.pdf

SILVA, M. G. D. F. e PAIXÃO M. S. S. L. Aprendizagem: processo básico do comportamento humano. **In: CARVALHO, Maria V. C. (org.) Temas em psicologia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

Anotações

Campus Virtual
Cruzeiro do Sul
Educação a Distância

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

Módulo Centro Universitário

UDF Centro Universitário

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo